

## Breve plano das reflexões sobre as origens dos povos traçado principalmente a partir das indicações [contidas] nas línguas<sup>1</sup>

Gottfried Wilhelm Leibniz (1710)

[P. 1] Visto que as *origens dos povos*<sup>2</sup> [mais] remotos estão para além da História, as *línguas*, em seu lugar, são os monumentos dos [povos] antigos. Os vestígios mais antigos das línguas subsistem [uns] nos nomes dos rios e das florestas, os quais persistem mesmo com as mudanças da maioria dos que habitaram as suas margens; os outros [vestígios] estão nas denominações (*appellations*) dos lugares fundados pelos homens. Com efeito, apesar de muitas vilas e muitas cidades terem sido nomeadas a partir [dos nomes] dos [seus] fundadores, o que na Germânia – a qual foi seriamente venerada – é bastante frequente, também os antigos nomes dos homens, dos quais nenhum povo da Germânia conservou mais [desses nomes] do que o [povo] Frísio, conduzem-nos às coisas sagradas, por assim dizer, da antiga língua. Todavia, eu assumo o seguinte axioma: *todos os nomes que chamamos de próprios*

---

<sup>1</sup> Esta é uma tradução directa da versão original da *Brevis designatio meditationum de Originibus Gentium ductis potissimum ex indicio linguarum*, escrita em torno de 1710 e publicada na *Akademie der Wissenschaften* (Berlin: *Miscellanea Berolinensia*, 1710. V.1, pp. 1-16). Com o intuito de oferecer um trabalho aprimorado, cotejamos a nossa tradução com a tradução francesa publicada no volume *L'Harmonie des Langues* (edição apresentada, traduzida e comentada por Marc Crépon. Paris: Éditions du Seuil, Janeiro 2000, pp. 171-193) a qual, por sua vez, é uma restauração da tradução (e dos comentários) de J. Sudaka, publicada inicialmente em *Genèse de la Pensée Linguistique* de André Jacob (Paris, Armand Colin, 1973, pp. 46-62). Na nossa tradução, mantivemos a numeração das páginas da versão original. Assim, por exemplo, usamos “[P. 1]” para designar a página 1 da edição original.

<sup>2</sup> Leibniz vale-se de recursos gráficos como o itálico e um maior espaçamento entre as letras, entre outros, para dar destaque a determinadas palavras e expressões. De modo a respeitar a expressividade que o autor desejou conferir a algumas palavras e expressões do seu texto, optámos por acrescentar negrito ao seu destaque itálico, de forma a diferenciar aquilo que Leibniz pretendeu destacar de tudo aquilo que, por nosso lado, acreditamos ser útil destacar também em itálico.

*foram, algum dia, denominações (appellativa*<sup>3</sup>); de outro modo, [esses nomes] não teriam razão para se firmar. Assim, todas as vezes que um vocábulo referente a um rio, a uma montanha, a uma floresta, a um povo, a um território, a uma província ou a uma vila escapar à nossa compreensão, devemos compreender que nos distanciámos da antiga língua. É assim em relação a qualquer nome de homem que termine em **Ric** ou **Ricus**, seja [ele] Germano, Francês, Alemão, Saxão, Gótico, [ou] Vândalo, como [ocorre] em Teodorico, Frederico, Hunerico<sup>4</sup> e [outros nomes] semelhantes; e certamente ignoraríamos ter significado força e vigor, se não fosse Venâncio Fortunato ter apresentado **Chilperico** como [P. 2] **O forte ajudante**, se um intérprete bárbaro o tivesse auxiliado.<sup>5</sup>

Hoje quem nos auxilia é, de facto, **Hulpe**<sup>6</sup>. Desde então lembramo-nos que há poucos anos, com base em livros germânicos recentes, os gigantes e os heróis eram chamados de **Recken**; o que permite notar a sua própria grandeza. E, de facto, **Recken** é o mesmo que estender e, ao bastão, ou ceptro [mais] alongado, as pessoas de Brunswick<sup>7</sup> chamam **ricken**. E o próprio [vocábulo] **reck**, [ou] **ricken**, é de origem celto-cítica; assim como **reye**, **rige**, **regula**, **regere**, **rex**, **ρηγνυμι**, **reiffen** e muitos outros; os quais se referem ao estender da linha recta que surge quando se estende o fio. De facto, é a partir da própria natureza do som que a letra canina<sup>8</sup> faz notar o movimento violento; mas o **K** final faz notar o próprio obstáculo, no qual [o som] é detido. Desse modo, em **Ruck (einen Ruck thun)**<sup>9</sup> o início é violento, mas, gradualmente, algum momento depois o movimento é retido. Do mesmo modo, **Recken** é utilizado quando de súbito, mas não sem emitir som, um fio ou outra coisa é esticado com uma grande força, que, também da mesma forma, não se rompe, mas mantém o ímpeto; assim, a partir de uma linha curva obtemos uma [linha] recta, ou seja, aquela que se faz tensa a partir de uma corda. Mas onde foi interrompido pela letra **K**, que retém o movimento indicado, quando seguido pela **S**, ou **Z**, ressurge e se faz **Riss**, **Reiffen**, **Riz**. Sempre que for possível penetrar até a raiz *da onomatopeia*<sup>10</sup> é

<sup>3</sup> O termo *appellativa*, que traduzimos por “denominações”, equivale ao termo “apelativos”, isto é, substantivos comuns que denominam classes de seres definidas por um conjunto constante de propriedades comuns.

<sup>4</sup> Na língua portuguesa, este elemento de terminação de palavras aparece como “rico”.

<sup>5</sup> Leibniz refere-se a Venantius Honorius Clementianus Fortunatus (c. 530-c. 600/609), ou mais simplesmente Venâncio Fortunato, bispo de Poitiers, poeta e compositor.

<sup>6</sup> Não conseguimos saber a quem Leibniz se refere quando menciona *Hulpe*.

<sup>7</sup> Antiga comarca gótica, Brunswick é uma cidade alemã importante na biografia de Leibniz. De 1676 até à sua morte, Leibniz esteve ao serviço da casa de Brunswick, em Hannover, primeiro como bibliotecário, depois encarregue de escrever a história da família.

<sup>8</sup> Refere-se à letra **R** que lembra o *rosnar* dos cães.

<sup>9</sup> Dar um empurrão.

<sup>10</sup> Leibniz utiliza aqui a expressão grega *ὄνοματοποιία*.

isso que põe a descoberto a origem primeira dos vocábulos. No entanto, a maior parte das vezes, o passar do tempo e as numerosas deslocações [dos povos] fazem com que as antigas e as primitivas (*nativae*) significações sejam modificadas ou obscurecidas. De facto, as línguas nem surgiram *ex instituto* [nem], por assim dizer, foram estabelecidas por alguma lei, mas por um certo ímpeto natural nascido dos homens que assim ajustam os sentimentos e paixões aos sons<sup>11</sup>. Eu excluo [desta caracterização] as *línguas artificiais*<sup>12</sup>, sobre as quais *Wilkins*<sup>13</sup>, bispo de Chester, homem muito engenhoso que tinha uma excelente doutrina (que, todavia, como ele mesmo me disse, somente uma única pessoa – salvo ele próprio e Robert Boyle<sup>14</sup> – tinha aprendido) a qual Golius,<sup>15</sup> um juiz não sem valor, suspeitava ser a chinesa; [considerando] que possivelmente essa fora ensinada aos mortais por Deus. Mas, nas línguas nascidas pouco a pouco conforme a ocasião, os vocábulos surgem a partir da analogia do som emitido (*vox*) com os sentimentos (*affectus*); de tal forma que a sensação acompanha a coisa. Tenho para mim que não foi de outro modo que *Adão* atribuiu os nomes.

A partir de então, compreendemos facilmente que muitos vocábulos peculiares assumiram sua forma graças a séculos de trabalho de vários povos, sobretudo quando o rude [povo] bárbaro possuía mais ímpeto do que razão e, conforme as ocasiões se davam, transformava o sentimento em som; e deve ter sido [um trabalho] variado, já que tinha a alma [como fonte] e, além disso, os próprios *órgãos* da fala, dos quais o uso não fora igualmente fácil para todas as nações. Todavia, é importantíssimo notar [P. 3] que numa grande extensão do nosso continente alguns dos *vestígios amplamente disseminados das línguas antigas* subsistem nas línguas actuais; penso que desde então muitos foram os vocábulos que a partir do mar britânico se estenderam até ao mar do Japão. Eu não pretendo recordar aquela [observação] desgastada de Sacas<sup>16</sup> empregue em toda parte, [mas] que não foi examinada.

---

<sup>11</sup> Nos *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain* (livro III, cap. II, § 1) Leibniz retoma a questão formulada pela primeira vez no *Crátilo* (383a) de Platão (427-347 a.C): saber se a linguagem é “por natureza” ou “por convenção”.

<sup>12</sup> Com esta referência a Wilkins, Leibniz afasta um vasto campo de investigação no qual ele próprio trabalhou ao longo de toda a sua vida: o projecto de construção de uma língua universal. Mais abaixo, Leibniz irá também afastar a discussão sobre a origem adâmica dos nomes.

<sup>13</sup> John Wilkins (1614-1672), teólogo, filósofo e secretário da Real Society, foi autor do célebre *An Essay towards a Real Character, and a Philosophical Language* (1668) que Leibniz conhecia bem.

<sup>14</sup> Grande químico irlandês, Robert Boyle (1627-1691), escreveu, entre outras obras, *The Sceptical Chymist* (1661).

<sup>15</sup> Jacob Golius (1596-1667), matemático e orientalista holandês, professor na Universidade de Leyde.

<sup>16</sup> É provável que Leibniz se refira ao filósofo grego Amónio Sacas (175-242 d.C.).

Invocarei outra palavra como exemplo, já usada pelos antigos celtas, para os quais **Mar** era outrora cavalo. Daí Pausânias nos ter transmitido que eles chamavam **Trimarchia** à tríplice fileira da cavalaria<sup>17</sup>. A palavra (*vox*) **Mar** ou **Mare** [foi] conhecidíssima dos antigos teutões (para os quais **Mareschalcus**<sup>18</sup> é quem está à frente dos cavalos), e actualmente subsiste entre os germânicos. Da mesma maneira, a palavra **Mar**, e outras aparentadas, foi conhecida dos antiquíssimos tártaros e, a partir deles, até aos chineses; com o que se espantou o rei João da Polónia, afamado tanto pela força quanto pela sua doutrina do amor, desde que um [certo] Cláudio Grimaldi, regressado da China, lhe explicou a elucidação de alguns dos vocábulos dos Tártaros Orientais; de facto, o rei conservava a língua dos Praecopitas<sup>19</sup>; como foi, pouco depois, descrito pelo exímio Grimaldi. Do mesmo modo, a palavra **kan** [diz respeito] ao que tem poder, ao nobre, ao que rege. De facto, **kan**, **konnen**, significa poder; **king**, **konig**, aquele que rege, mas, **Chaganus**, **Can**, para os Sármatas, Hunos, Persas, Turcos [e] para os Tártaros, [indica] Príncipe, tal como para os Chineses. E na correcta pronúncia da letra K inicial se faz sentir, em certo momento, uma força que não é fraca e cujo sopro rompe [violentamente] o obstáculo. Portanto, sempre que encontramos uma palavra idêntica, ou alguma [outra] transformada por Britânicos, Germânicos, Latinos, Gregos, Sármatas, Fenícios, Tártaros, Árabes (o que, aliás, não é raro), redescobrimos o vestígio comum das línguas antigas. De tal modo que se poderia afirmar que, outrora, a Europa e a Ásia estiveram submetidas a um grande império no qual alguma língua dominante era comum (como de facto quase [foi] a Latina na Europa, e as Grega e Árabe na Ásia e África), ou, ainda mais (o que para as Sagradas Escrituras é unânime), que elas [são] emissárias e colónias de um único povo ou estirpe, ainda que nas regiões mais remotas sejam poucos os desgastados vestígios de parentesco. Assim, as novas línguas nascem a partir da mistura e da

---

<sup>17</sup> Leibniz refere-se certamente a uma informação contida no *Descrição da Grécia*, um dos primeiros exemplares da literatura periegetica da Europa e o único livro conhecido de autoria do geógrafo e historiador grego Pausânias (c. 115-180 d.C.).

<sup>18</sup> Actualmente, “marechal” significa a patente mais alta da hierarquia militar. No entanto, a etimologia do termo remonta a significados que incluem “cavalo”, como por exemplo: “artesão encarregado das ferraduras dos cavalos”, “oficial encarregado dos cavalos”, “oficial responsável pelo comando de um exército” (supõe-se que a cavalo), “criado doméstico que cuida dos cavalos”.

<sup>19</sup> Leibniz refere-se ao rei João III Sobiesky da Polónia (1629-1696) – que foi rei da União Polaco-Lituana de 1674 a 1696 – e ao jesuíta italiano Cláudio Grimaldi (1638-1712), missionário e assessor diplomático em Pequim, com quem Leibniz contactou e que está na base do seu interesse pela China. Quanto à “língua dos procópios” são dois os indícios que nos levam a crer que Leibniz se refere à língua falada em Ürgüp, uma das cidades mais antigas e importantes da Capadócia, na Turquia: primeiro, os tártaros orientais são um grupo étnico relacionado com os turcos e os mongóis; segundo, ao longo da sua história, Ürgüp teve vários nomes, entre os quais Procópio.

corrupção das outras; eu lembro-me de escutar um inglês de nobre ascendência que falava Gaulês de modo Inglês, e Inglês de modo Gaulês. Uns cem casos semelhantes teriam, depois de algum tempo, produzido uma nova língua, tal como a [língua] corrompida que os actuais Rectores fazem a partir da deformação da Itálica ou da Gaulesa, como estas [o foram] a partir da Latina; e as repetidas corrupções, por fim, confundem [P. 4] todos os traços da origem das corrupções. Assim, não me admiro que o parentesco entre as nossas [línguas] e as línguas [dos povos] do interior da África e de todos [aqueles] da América não possa ser conhecido.

Dividimos, não incorrectamente, as línguas derivadas de uma [língua] antiga largamente difundida em duas espécies: as *japéticas*, como assim foram chamadas, e as *aramaic*s. As japéticas difundiram-se pela [região] setentrional, as aramaicas [pela] meridional; de facto, considero toda a nossa Europa [como pertencente à região] Setentrional. Daí que se as Setentrionais se referem a *Japhe*, as meridionais, não sem razão, serão atribuídas aos descendentes de [seus] irmãos *Sem* e *Cam*. *Japeto* também [foi considerado] aquele de quem Prometeu (o que fabricou os homens) [era] filho, além disso, e como já tinha conhecimento Homero, os mitólogos tinham-no situado no Cáucaso, a Aramaica (ou *Arimi*) para os Sírios<sup>20</sup>.

Entre as línguas meridionais, a *arábica* estende-se largamente ocupando a grande península que fica entre o [mar] Vermelho e o golfo Pérsico. E as suas vizinhas – a *siríaca*, a *caldaica*, e a própria *hebraica* – são muito aparentadas com ela. A *hebraica*, por exemplo, [parece] constituir um dialecto (*dialectum*) de uma língua bem maior, e um pouco do que desta restou mostra-se conservado naquela; o que não é de admirar já que ela ocupou uma pequena parte da Síria. É possível que ela, melhor do que outras, tenha preservado antiquíssimas relíquias, uma vez que não temos livros mais antigos de nenhum outro povo. Está estabelecido que Cartago foi fundada pelos Fenícios e que a língua *púnica* (cuja cena [teatral] em latim volta

---

<sup>20</sup> Alguns intérpretes e escritores cristãos – entre os quais o contemporâneo de Leibniz, John Milton (1608-1674), autor do célebre *Paraíso Perdido* – identificaram o titã Jápeto (*Japetum*) da mitologia grega com Japhe (*Japhetum*), o filho de Noé, com base na similaridade do nome e na tradição bíblica que considerava todos os povos do mundo como descendentes dos três filhos de Noé, isto é, Sem, Cam e Japhe. Na tradição bíblica, os descendentes de Japhe ter-se-iam dispersado pelas margens do Mediterrâneo, da Europa e da Ásia Menor, pelo norte da Europa e por uma parte considerável da Ásia; por isso, Japhe é considerado o ancestral dos diferentes ramos da grande família indo-germânica. É das línguas japhéticas (ou japéticas, como quer Leibniz) que derivam a língua dos cíticos e a dos celtas, conseqüentemente, todas as línguas europeias.

depois a aparecer em Plauto<sup>21</sup>) provém da Hebraica e aparentadas [com ela], como Reinesius<sup>22</sup>, Bochartus<sup>23</sup> e outros explicaram perfeitamente.

Graças à travessia do mar Vermelho pelos Árabes, uma [língua] melhor que a deles se sobrepôs, [isso é,] a das colónias da **Etiópia** Oriental, o que se torna evidente a partir da própria consideração da conversação **Abissínea**; assim a Amárica<sup>24</sup> não é distante da Etiópe a não ser por um dialecto vulgar. Tem-se afirmado que aparecem muitos arabismos nos habitantes das margens do oceano Índico, onde a língua malabar se difunde nas próprias ilhas, assunto que o ilustre Cl. Relandus<sup>25</sup> tem como digno de ser conhecido. Já a **Egípcia**, que hoje é a **Copta**, muito se distancia da Arábica e [das com ela] aparentadas, e, assim, é também possível que tenha vindo da antiquíssima [língua] dos Etíopes, anterior à entrada dos Árabes na Etiópia. A Persa, a Arménia e a Georgiana são vistas como [línguas] nascidas de uma certa mistura a partir da Cítica e da Aramaica, como se [tivessem nascido] dentro de uma fronteira; mas a partir da antiquíssima Cítia, [de tal modo que] hoje os seus próprios descendentes não chegam a reconhecê-las. [Quanto] aos Partos (que também são Persas) foi [nos] transmitido que [eles] são os antigos exilados que chegaram da Cítia; não pude encontrar no **Persa** tanto Germânico quanto Elichmann [e] Saumaise<sup>26</sup> disseram, com uma quase excepção da [palavra] **God**. As outras [palavras] dos germanos quase sempre são comuns às gregas e às latinas. A língua **Arménia** tem um

---

<sup>21</sup> Leibniz refere-se à peça *Poenulus* do célebre dramaturgo romano Tito Mácio Plauto (c 230 a.C. – 180 a.C.), peça essa que apresenta frases em púnico.

<sup>22</sup> Além de médico, o turingio Thomas Reinesius (1587-1667) era filólogo especialista em fenício e cartaginês (ou púnico). Leibniz faz menção ao seu *Istoroumena linguae punicae, erroris arabicam et punicam esse eandem opposita* (1637), no qual Reinesius evidencia o parentesco entre o fenício-púnico e o hebraico. Mais à frente, na p. 11 do texto original, Leibniz recordará ainda o seu livro *De Deo Endewellico* (ou *Endeovellico*).

<sup>23</sup> Samuel Bochart (1599-1667) defende na sua *Geographia Sacra* (1646) a antiguidade e a superioridade do fenício.

<sup>24</sup> O especialista da língua *Amharica*, ou simplesmente Amárica, era naquela época o orientalista alemão Hiob Ludolf (1624-1704), com quem Leibniz trocou cerca de 60 cartas entre 1668 e 1704.

<sup>25</sup> Leibniz refere-se ao *Dissertationes Miscellanae* do orientalista Adrian Reland (1676-1718) que estudou as línguas insulares.

<sup>26</sup> Leibniz refere-se ao médico alemão Johann Elichmann (c. 1600-1639) e ao humanista francês Claude Saumaise (1588-1653), ambos filólogos com interesse pelas línguas orientais. Num estudo de 1640, Elichmann já havia usado a expressão *ex eadem origine* (a partir de uma fonte comum), para as línguas europeias indo-iranianas. Este médico alemão foi um dos primeiros a afirmar a existência de um parentesco entre o germano e o persa. Ainda que muito pouco tenha publicado em vida, as suas ideias tiveram alguma difusão nos meios eruditos, nomeadamente, a sua tese de uma raiz comum das línguas iraniana, alemã e grega.

fundo comum com a Egípcia, era o que acreditava o ilustre Acoluthus<sup>27</sup>, homem erudito em Bratislava e [P. 5] também particularmente versado nas línguas orientais, das quais não pequena parte desapareceu; e [numa ocasião] em Berlim ele explicou-me as razões da sua opinião, as quais me satisfizeram pouco. Certamente que a colónia que os antigos *Egípcios* fundaram em *Colcos*<sup>28</sup> foi abandonada por Sesóstris, sobre o que, de facto, nada tenho a dizer<sup>29</sup>. Mas, deveria ser feito um estudo diligente das línguas isoladas e das separadas da comunhão das restantes, pois que aí se escondem as origens mais profundas [dos povos]<sup>30</sup>.

Tudo aquilo que nas línguas setentrionais é comum, poderíamos chamar de *Japético*, mas também costumamos chamar de *Celto-cítico*. Deste modo refiro-me a tudo o que é comum na [língua] dos Germanos e dos Gregos, mas a partir do [que é mais] antigo; por outro lado, de tudo o que foi transmitido aos Gregos e Germanos, por meio do comércio e dos escritos, dos estudos e dos cultos Gauleses e Romanos, aqui não é o lugar de tratar deles. No entanto, volto a afirmar que a [língua] dos Germanos tem [algo] em comum com a dos Sármatas, dos Fenícios e dos Tártaros. Se é verdade que os homens da Europa vieram do Oriente seguindo, por assim dizer, o movimento do Sol, é evidente que avançaram a partir da cítia, atravessaram pelo Tanais e pelo Íster<sup>31</sup>; uma parte [chegou] ao Ocidente, isto é, à Ilíria, à Panónia<sup>32</sup>, penetrou na Germânia, e progrediu finalmente na Itália, na Gália e na Espanha que são avanços posteriores; uma [outra] parte dirigiu-se para o Sul, desviando-se para a Trácia, Macedónia e Grécia; para onde, tempos depois, foram as colónias da Fenícia e do Egipto; daí que os escritos dos *Gregos* sejam devedores dos Fenícios e dos cultos dos Egípcios. Mas (dito desse modo), nos cíticos repousa o fundamento dos povos Gregos, assim como dos celtas e dos italianos.

Pelo nome de *cíticos* compreendemos aqui os antiquíssimos habitantes do mar Euxino, seja qual for o nome de onde tenham vindo. Homero incluiu aí os Cimérios,

---

<sup>27</sup> Andreas Acoluthus (1654-1704), orientalista alemã com quem Leibniz se correspondeu. O termo latino *vratislavienses* utilizado por Leibniz refere-se a Wroclaw, Vratislávia ou Breslávia, cidade da Silésia Polaca.

<sup>28</sup> Colcos, antiga região da Ásia Menor situada ao sul do Cáucaso e a leste do mar Negro que corresponde à actual Geórgia.

<sup>29</sup> Há referências a Sesóstris e aos Colcos em Heródoto (484 a.C.-425 a.C.).

<sup>30</sup> Eis a tese geral que, em grande medida, justifica o título do presente texto. No próximo parágrafo, Leibniz inicia o estabelecimento da genealogia das línguas.

<sup>31</sup> Tanais é o antigo nome do rio Don, na Áustria. Na Antiguidade, *Ister*, *Hister* era o nome do curso inferior do rio Danúbio, enquanto o superior se chamava em latim *Danuvius* ou *Danubius*.

<sup>32</sup> A Ilíria é uma antiga região montanhosa da costa setentrional do mar Adriático. A Panónia, por sua vez, é uma antiga província romana situada entre a Dácia (actual Roménia), a Nórica (actualmente compreende regiões da Áustria e da Carníola) e a Ilíria (actualmente corresponde à Hungria e a algumas regiões da Áustria, Croácia e Eslovénia).

Heródoto, por sua vez, os distinguiu dos cíticos<sup>33</sup>. O *Tanais*, *Danaper*, *Danaster*, *Danúbio* (sem falar de Duna & Dwina) ainda subsistem para um e o mesmo povo como designações impostas aos quatro grandes rios; o godo Jornande<sup>34</sup> enuncia [esses nomes] de modo a que a sua origem apareça, a qual pela parte que a pronúncia suprimiu aparece hoje parcialmente apagada. Por isso, *Dniester* e *Dnieper* preservam com dificuldade a antiga letra do radical no início [da palavra]; já *Niester* e *Nieper* não a conservam. Que os antigos vocábulos dos cíticos que Heródoto conservou para nós, possam ser explicados a partir dos celtas, isto é, particularmente pelo Latim ou pelo Germânico, vem em favor da origem cítica da história celta. Realmente Heródoto revelou que *Aeorpata*, isto é, a designação do Amazonas, significa “matadores de homens”, [pois] *Aeor* [diz respeito] a homem e *pata* a matar; prosseguindo, para os antigos romanos *battere* ou *battuere* [P. 6] já era ferir, o que subsiste nas línguas corrompidas que tiveram origem no latim; também não faltam vestígios no Germânico. *Patschen* diz-se daquela coisa que de certa forma é larga, como a planta do pé, a palma da mão, palma que bate na água ou outra coisa que resiste até certo ponto, [tendo a] palavra falada nascido a partir do som [produzido]. *Vir*, *Baro*, *Herus*, *Herr*, *Er* ao que parece eram aparentadas, com as quais concordam [em termos de som] *Aeor*; do mesmo modo que *oiros* ou *oenus* e *vinho*.

Com não menos sucesso é explicado *Arimaspi*, a qual tinha como significado ‘de um só olho’, o que o mesmo confiável Heródoto atestou<sup>35</sup>; de facto, (afirma ele) os Cítas designavam “uno” como *Arima* e olho como *Spu*; não porque aquele povo carecesse de um olho, mas porque só usava um para olhar. *Arim* significa unidade, solidão, raridade, e por consequência *Eremus* para os gregos [era] a solidão, *Arm* para os germanos [era] pobre, *Arim* para os cíticos era um, [bem como] actualmente *Erti* é [um] para os georgianos. Por outro lado, *Spehen*, *Specere*, *Spia*, *epier*, para os Germanos, Latinos, Italianos e Franceses [é] um verbo, [e como] para os celtas trata-se [do verbo] ver<sup>36</sup>. Daí então fica evidente [o significado de] *Arimaspos*. A significação originária de *Spehen* tanto se refere a olhar agudo, como a penetrante; de

<sup>33</sup> De uma forma geral, podemos dizer que as origens do povo Cimério são obscuras e porventura mesmo fictícias. Alguns afirmam serem eles indo-europeus habitantes da região ao norte do mar Negro que invadiram a Ásia Menor no séc. VII a.C. Nos livros I (Clio), IV (Melpómene) e VII (Polímnia) da *História* de Heródoto, e no livro XI da *Odisseia* de Homero encontramos referência a esse povo.

<sup>34</sup> Também conhecido por Jordanes, trata-se do bispo e historiador godo (séc. VI d.C.), autor da obra *Gética* (*De origine actibusque Getarum* – Sobre a origem e feitos dos getas). Leibniz cita-o frequentemente, não só no presente texto, mas também nos *Nouveaux Essais*.

<sup>35</sup> Os Arimaspos são um povo da antiga Sarmácia europeia. Heródoto refere este povo em *História*, livros III (Tália) e IV (Melpómene).

<sup>36</sup> Em língua portuguesa temos um vocábulo que lembra esta discussão feita por Leibniz: “espíar”.



facto, para nós *Sp* está aqui e ali nas ações [associadas] a penetração e instrumentos penetrantes. Heródoto lembra uma conversa que teve com o príncipe cítico, e provavelmente ele foi até às [regiões] limítrofes dos cítricos, já que é certo que foi um grande viajante; e por isso (como na maior parte das vezes) merece mais confiança. Aliás, alguém [pode] admirar-se quanto ao facto de os antigos cítricos nos sugerirem [coisas] tão distantes em termos de língua e povo; com efeito, eu não gostaria de lançar conjecturas, seja quanto a Zálmoxis em nome do povo geta, seja quanto a Anacársis<sup>37</sup> [em nome] do povo cítico ou [coisas] similares. Eu gostaria que os vocábulos cítricos fossem reunidos por algum homem douto do mesmo modo [que o fizeram] com os [vocábulos] gálicos, frígios, egípcios e outros, ou seja, a partir de escritos antigos. Actualmente, Hesíquio<sup>38</sup> fornece alguma coisa no que se refere aos cítricos.

Pelo nome de cítricos separados dos celtas, eu compreendo os turco-tartáros, sármatas<sup>39</sup> e fenícios, apesar de estes três [povos] estarem muito apartados. Os *turcos* já eram conhecidos dos antigos; o nome dos tartáros surgiu quando, chefiados por Gengis Khan<sup>40</sup>, eles se lançaram pelo mundo causando destruição. As [legiões] turcas vieram das regiões onde agora habitam os chamados *Usbeci*, isto é, Massagetas<sup>41</sup> ou Cítricos vizinhos dos Persas; é o que se percebe com evidência a partir da própria língua de um e outro desses povos; é seguro que a tartárica procopiana é aparentada das turcas; e conta-se que os *Calmuco*<sup>42</sup> (cujo nome actual também foi introduzido pelos russos, creio eu) muito ao contrário, mas que os *Mogallos*<sup>43</sup> (cuja denominação

---

<sup>37</sup> Zálmoxis foi um lendário reformador social e religioso, considerado como o único Deus verdadeiro pelos Trácios, Dácios e Getas. Anacársis (séc. VI a.C.) foi um filósofo de origem Cítica de que não resta qualquer texto mas apenas referências indirectas.

<sup>38</sup> Hesíquio de Mileto (VI d.C.), historiador e estudioso bizantino. Pouco se sabe sobre sua vida, no entanto, foi autor de três grandes obras, dentre elas um onomatólogo, isto é, um tratado de nomes, termos e a sua classificação. Trabalhou durante o reinado de Justiniano I.

<sup>39</sup> Povo nómade da Sarmácia, antiga e vasta região setentrional da Europa e da Ásia (na qual depois se incluíam a Polónia, a Moscóvia e a Tartária). Os sármatas vieram da Ásia Central e invadiram a região ocupada pelos Cítricos (séc. III a.C.). Divididos em tribos, alcançaram o Danúbio no início da era cristã e, pouco a pouco, misturaram-se com os invasores Hunos, Godos e Vândalos.

<sup>40</sup> Leibniz refere-se ao famoso conquistador e imperador mongol, cujo verdadeiro nome era Temudjin (1162-1227), nascido na região do rio Onon, próxima do lago Baikal.

<sup>41</sup> Povo da Cítia de origem iraniana que se fixou no nordeste da Europa, entre o mar Cáspio e o mar de Aral.

<sup>42</sup> Povos de origem mongólica, também conhecidos por mongóis ocidentais, fundaram um império na Ásia central no séc. XV; actualmente, habitam regiões da Sibéria, China e Mongólia.

<sup>43</sup> *Mugalle* faz parte da etimologia de “mongol”. Segundo uma lenda, “mongol” é o nome atribuído por Gengis Khan ao seu povo; na língua mongol, *mong*, *mengu*, *mongu* significam “valente, bravo, invencível”. O francês *grand mogol* e o equivalente dessa expressão nas demais línguas europeias provêm do português; as formas portuguesas *mogor*, *mogol* foram

é antiga) têm uma fala aproximada das turcas. Aqueles mesmos tártaros orientais, imperadores da China, têm muitos vocábulos aparentados com os turcos dos quais R. P. Bouvet<sup>44</sup> [P. 7] já me forneceu alguns exemplos. Descobri indícios seguros de que os *comanos*<sup>45</sup> tiveram a sua origem a partir dos turcos, no momento em que as primeiras (legiões) tártaras se dirigiram ao Tânaís e ao Danúbio com o objectivo de tomarem o lugar. As suas relíquias sobreviveram na Hungria (onde se tinham refugiado com receio dos tártaros), mas, se não estou enganado, a língua perdeu-se.

Os *Sarmatas* foram outrora um povo espalhado pela Ásia e pela Europa. Heródoto conheceu em separado os saurómatas<sup>46</sup>, mas Tácito<sup>47</sup> comparou os sármatas aos germanos próximos; e, assim, evidenciou ter compreendido [sob esta designação] os povos que depois foram chamados de *Eslavónicos*<sup>48</sup>, nos quais incluímos os Russos, Polacos, Boémios<sup>49</sup>, Moravos, Búlgaros, Dálmatas (de hoje, evidentemente) e outros Eslavos habitantes do mar Adriático. Então os povos dos Venedos, que o vulgo [chamava] de *wendes*<sup>50</sup> (não devem ser confundidos com os *Vândalos* Germânicos<sup>51</sup>), [foram] para o Báltico; os *Antas*<sup>52</sup>, [lembrados] por Jornandes, e também aqueles [povos] de mesma origem, que depois dos germanos, os sucederam nas regiões vazias para ocupar o mar Bárbaro<sup>53</sup> (assim lhe chamavam os antigos), [foram] para o Elba, ou melhor para Saale<sup>54</sup> e também se dirigiram para a [região] turíngica. Sabemos que

---

directamente recolhidas da Índia, onde *mogul*, *moghul*, *mughal* ocorrem como formas arabizadas e persianizadas do vocábulo original para designar os dominadores locais descendentes de Gengis Khan e qualificar as coisas a eles relativas. A tendência actual é usar *mongol* como epíteto genérico relativo às coisas mongóis e mongólicas na feição cultural assumida na Índia e *mogol* como epíteto restrito.

<sup>44</sup> *Reverendus Pater* Joachim Bouvet (1656-1730), padre jesuíta, matemático e missionário, fez a sua primeira viagem à China em 1698. Foi um dos principais correspondentes de Leibniz no que se refere à China. Cf. *Leibniz korrespondiert mit China, der Briefwechsel mit den Jesuiten Missionären* (1689-1714).

<sup>45</sup> Naturais da Comana, antiga cidade da Capadócia, Ásia Menor.

<sup>46</sup> “Saurómata” é o mesmo que “Sármata”. O termo *sauromatae* (sauromata) foi usado principalmente pelos primeiros escritores gregos, enquanto *sarmatae* (sarmata), mencionado aqui por Leibniz, foi usado gregos e romanos posteriores.

<sup>47</sup> Leibniz refere-se ao romano Públio (ou Caio) Cornélio Tácito (c. 55-c. 120 d.C.). Este historiador, que exerceu, entre outras, as funções de orador e cônsul, é autor da obra *Germania*, que apresenta uma descrição daquela região e de seus povos, obra considerada incrivelmente precisa para a época.

<sup>48</sup> Povo da Eslovénia, região da Jugoslávia do Norte.

<sup>49</sup> Natural da Boémia, região ocidental da República Checa.

<sup>50</sup> Leibniz refere-se aos Venedos, antigo povo eslavo, que habitava a região desde o Vístula até ao Volga, e que os alemães chamavam de *wendes*.

<sup>51</sup> Tribo germânica oriental que invadiu o Império Romano e saqueou Roma em 455.

<sup>52</sup> Antigo povo vizinho dos Búlgaros.

<sup>53</sup> Nome pelo qual o lago Chiemsee, ou mar Bávaro (mar da Baviera), também era conhecido.

<sup>54</sup> O Saale, rio da Alemanha, é um afluente do Elba e nasce na Baviera.

todos os Vênedos (dos quais alguns permanecem na região lunebúrgica, muitos em Lusácia e Marchia<sup>55</sup>) facilmente se apresentaram como intérpretes dos moscovitas. E o sueco Sparvenfeld,<sup>56</sup> homem insigne também elogiado por outros, inclusive por seu conhecimento em línguas orientais, disse-me por carta que a língua que aprendera em Moscovo a escutara em viagem entre Carnos e Carniolanos<sup>57</sup>. Geralmente, Jornandes situa os *Vênedos*, povo numeroso, naquelas regiões compreendidas na República Polaca além do Vístula, e divide-os em Antas e Eslavos. Mas, eu penso que os *Antas* e os *Wendes* ou Vênedos só são diferentes na pronúncia, conforme a letra w (como aqui e ali se faz) era escrita ou deixada de lado.

Para os Sármatas, ou se se preferir, Eslavos, eu faço retornar inclusive os *Hunos* e *Ávaros*<sup>58</sup> que ocupavam a região que hoje é designada como Hungria e que era denominada Panónia. Com efeito, depois que os Góticos, Longobardos, Gépidas<sup>59</sup> e outros povos dos Germanos chegaram a Itália, à Récia, à [região] dos Eduos<sup>60</sup> e a outros lugares, alguns estabeleceram-se entre o Danúbio e os Alpes, seja espontaneamente ou pela força dos recém chegados, [outros] abandonaram [essa região] por causa da chegada dos Eslavos, dos quais uma parte, denominados Ávaros, chegou aí, então, tempos depois, e desse modo toda aquela região é habitada pelos povos Eslovânicos, excepto onde os *Húngaros* (que dão origem a outros povos) o impediram. Certamente que na própria Hungria, os Ráscios<sup>61</sup>, os Sérvios, os Croatas, os Sículos<sup>62</sup> e a maior parte dos habitantes das regiões mais acima da Hungria têm como origem os Eslavos [P. 8], é isso que se observa a partir da língua. Para os antigos, na época de Carlos Magno, Hunos e Ávaros estavam juntos na Panónia, e

---

<sup>55</sup> Lüneburg é uma cidade alemã da Baixa Saxónia; a Lusácia é uma região do nordeste da Alemanha; mantivemos o termo “Marchia” pois não conseguimos saber se Leibniz se refere a antiga província da França ou à região da Itália Central cuja capital é Ancona.

<sup>56</sup> Leibniz trocou uma interessante correspondência com Johann Gabriel von Sparvwenfeld (1655-1727).

<sup>57</sup> Com o termo “carnos”, Leibniz certamente refere-se aos Carnas, povo asiático situado além da lagoa Meótida (actual mar de Azov) na Rússia. Os Carniolanos são o povo da Carníola, actual Eslovénia.

<sup>58</sup> Os Ávaros são um antigo povo da Cítia, na região da Europa ao norte do Ponto Euxino, que entrou na Europa em meados do séc. VI.

<sup>59</sup> Os longobardos, ou mais comumente chamados de Lombardos, são um povo Germânico que, em 568 d.C., invadiu, colonizou e formou um reino no vale do rio Pó, Itália. Os Gépidas também são um povo de raça germânica que se estabeleceu na Dácia após 451; esse povo cítico foi levado para as margens do Danúbio devido a invasão dos hunos e ficou famoso por tê-los derrotado após a morte de Átila.

<sup>60</sup> Os Eduos são um povo da Gália que habitou a actual região da Borgonha, na França.

<sup>61</sup> Habitantes da Rasoi ou Raska; região de altos-planaltos da antiga Jugoslávia nos confins do Montenegro e da Sérvia.).

<sup>62</sup> Sículos (o mesmo que Sicilianos, Sicilienses, Siciliotas) são naturais da Sicília, ilha ao sul da Itália.

então eram compreendidos sob o nome de Hunos dos Ávaros, ou então Ávaros dos Hunos; mas Jornandes percebeu a presença, nos campos próximos de Dnieper,<sup>63</sup> daqueles que são chamados [pelo nome de] *Hunnivar*; mas, quanto ao povo *Hun[o]* e *Var[o]*, tanto Simocatta<sup>64</sup> quanto outros escritores gregos fizeram menção.

Além disso, graças a outros indícios, parece que o povo Eslavónico ou Sármatas teve origem nos Hunos; embora os Hunos tenham sido chamados de Turcos por alguns gregos; mas considerando a expressão em sentido largo, de tal maneira que também compreendesse o povo Cítico. Assim, os mais remotos acabaram chegando como Bárbaros; os antigos [denominaram-nos] Cíticos, na Idade Média [foram denominados] Hunos ou, ainda, Turcos e os contemporâneos denominam-os com o vocábulo geral Tártaros. A partir do retórico Prisco<sup>65</sup>, tem-se conhecimento que apenas duas línguas foram correntes no palácio de Átila: a Gótica e Huna. É evidente que o Gótico é Germânico e, como exemplo, os nomes dos reis são suficientes para o demonstrar. Entretanto, [a língua] Huna, a menos que não tivesse sido a Sarmática, certamente seria utilizada como uma terceira [língua], visto que Átila estava habituado a estar entre os povos Eslavónicos. Some-se a isso que, como se sabe, para os Sármatas *Coni* ou *Chuni* têm o significado do vocábulo *cavalo*; e, por isso, com o nome de *Hunos* não se quer dizer nada mais que cavaleiros, que sempre estavam montados em seus cavalos, não menos que seus sucessores Tártaros; é o que se sabe a partir das antigas histórias. Jornandes ao descrever as oferendas de Átila aos mortos usa [a expressão] *de vasto Stravvae*<sup>66</sup>, que como ele próprio explica, [significa] festas com acompanhamentos sumptuosos; e a partir do nome *Stravvae* chega aos povos Sármatas, como mostrou o professor de Helmstadt<sup>67</sup>; ele que, desde há muito tempo,

---

<sup>63</sup> Leibniz refere-se ao rio russo Dnieper ou Dniepre.

<sup>64</sup> Seguramente Leibniz refere-se ao historiador bizantino Theophylactus Simocatta (séc. VII), que pode ser considerado o último historiador do mundo antigo. Simocatta foi quem escreveu a importante obra *Historia de rebus gestis Mauricii imperatoris*.

<sup>65</sup> Prisco de Pánio (cujo segundo nome se refere a uma cidade da Trácia) foi um historiador e sofista bizantino do século V. Escreveu uma importante *História Bizantina* da qual só restaram fragmentos.

<sup>66</sup> O termo *Strawa*, de origem latina, aqui germanizado por Leibniz, designa um tipo de catafalco, isto é, estrado alto sobre o qual se coloca o ataúde ou a representação de um morto a quem se deseja prestar honras; era colocado em cima de um túmulo onde os hunos celebravam um festim mortuário.

<sup>67</sup> Johann Georg von Eckhart (1664-1730), historiador e linguista alemão, foi secretário de Leibniz a partir de 1694. Graças aos esforços deste, Eckhart foi nomeado professor de história em Helmstadt em 1706. Após a morte de Leibniz, Eckhart passou a ser bibliotecário e historiador da Casa de Hanóver. Juntamente com Leibniz, ele é considerado um dos fundadores da moderna historiografia na Alemanha. O seu principal trabalho, enquanto professor em Helmstadt, é a sua *Historia studii etymologici linguae germanicae haetenus impensi* (Hanover, 1711), um estudo literário e histórico das línguas teutónicas.

se incumbiu, não sem sucesso, de me encorajar a me ilustrar nas antiguidades das línguas Germânicas. Também possuo indícios de que os Cazares<sup>68</sup>, outrora das localidades do Ponto Euxino, eram de origem Eslavónica.

Os **Finos**<sup>69</sup> são considerados outra grande nação dos setentrionais, aos quais Tácito deu o nome de Fenos; [nome] que e descreve os que hoje são os Lapões<sup>70</sup> Silvestres ou Samoiedos<sup>71</sup> fazendo menção à sua rudeza. Com base na língua, Schefferus<sup>72</sup> ensinou-nos que os Lapões e dos Fínicos tiveram seguramente outrora uma origem comum. Já para Jornandes **Scridi-Finni** (referindo-se à marcha, pois **schreiten** significa “pôr-se a andar”) eram os que hoje chamamos de Lapões. Mas estendem os seus parentescos ainda mais longe no Oriente, cujo indício manifesto é o facto de os **Húngaros** apresentem parentescos com a nação Fínica; a partir de Jornandes sabe-se que eles vieram do interior da Cítia e também, como dizemos hoje, das regiões da Sibéria mais próxima. Para Rubruck<sup>73</sup> o qual foi enviado por São Luís [P. 9] para estudar os Tártaros, a antiga [língua] Húngara era então chamada de **Pascatir**, a qual acredito ser a que hoje, sob o domínio do Grande Monarca Russo, [chamamos] pelo nome de **Baskiriae**<sup>74</sup>. Nenhuma das línguas dos povos da Europa se aproxima das Húngaras da mesma maneira que a Fínica; coisa que Coménio<sup>75</sup>, como

---

<sup>68</sup> Os Cazares, também chamados Cázaros ou Khazari, parecem ter sido um povo de origem turcomana semi-nómada que dominou a região asiática entre os séculos VII e X.

<sup>69</sup> Finos, Fenos ou Finlandeses referem-se a um antigo povo da Escandinávia.

<sup>70</sup> Povo natural da Lapónia, região do extremo norte da Europa; estão relacionados com o complexo dialectal de línguas fino-úgricas falado no norte da Noruega, Suécia, Finlândia e noroeste da Rússia.

<sup>71</sup> Povo da Sibéria que habita as estepes que margeiam o Ártico, desde o mar Branco até ao rio Ienissei.

<sup>72</sup> Leibniz refere-se ao alemão Johnnes Schefferus (1621-1679) que se formou em Filologia no ano de 1637 na Universidade de Estrasburgo e que escreveu a obra *Lapponia: id est, regionis lapponum et gentis nova et verissima descriptio* (1673).

<sup>73</sup> Guilherme de Rubruck (c. 1220-c. 1293) foi um monge franciscano flamengo, missionário e explorador. Em 1253 foi designado por São Luís como embaixador junto a Mangu Khan. Escreveu um relato importante sobre as suas viagens pela Ásia: *Itinerarium fratris Willielmi de Rubruquis de ordine fratrum Minorum, Galli, Anno gratia 1253 ad partes Orientales*, obra de destaque na literatura geográfica medieval e que permite compreender parte importante da história da Ásia.

<sup>74</sup> No que se refere aos termos “baskiria”, “bashkir”, “pascatir”, as primeiras fontes europeias que fazem menção dos bashkires são as obras do religioso e missionário Giovanni da Pian del Carpine (c. 1182-1252) e Guilherme de Rubruck. Estes viajantes, que se encontraram com as tribos basquires na parte alta do rio Ural, afirmaram que estes povos falavam a mesma língua que os húngaros.

<sup>75</sup> O checo Jan Amos Komenský (cujo último nome em latim se escrevia *Comenius*, 1592-1670) foi professor, cientista, escritor, filósofo e fundador da Didáctica Moderna. Esse teórico da educação deixou mais de 200 obras, dentre elas a *Novíssimo método das Línguas* (1647), *Didactica Magna* (1631 – versão latina da *Didactica checa*) e a *Porta aberta das línguas* (1631).

se sabe, foi o primeiro a notar. Mas, ainda recentemente, quando Fabrício<sup>76</sup> viajava da Suécia para a Pérsia em negócios, um jovem companheiro Fino, parente do clérigo Brenner, não estando longe do Volga, uma vez que caminhava para o mar Cáspio, ficou admirado por serem os nomes de números quase os mesmos dos Finos ao alugar mulas como veículo a fim de ter dinheiro para pagar estadia em algum lugar; tanto que ao conversar foi, em grande medida, compreendido e entendeu. E assim, julgo que a antiga grande nação que se estendia desde o oceano setentrional<sup>77</sup> até quase ao mar Cáspio foi dividida para, na parte destruída, sobrevirem depois os Eslavos ou Sármatas. Provavelmente tanto os *Estónios* quanto os *Livónios*<sup>78</sup> e outros habitantes do mar Báltico, que têm origem diferente dos Eslavos, devem conduzir-nos até ao [povo] Fínico; ainda que reconheçamos isso com mais dificuldade, pois desconhecemos aquelas línguas. Tenho as mesmas suspeitas quanto aos *Samoiedos*. A partir da Cítia asiática chegaram os *Húngaros* à Panónia e ocuparam parte desta planície, quando os compatriotas Ávaros, que não se podiam defender, [foram] vencidos [pelo] exército de Carlos Magno<sup>79</sup>. Por conseguinte, desde a Panónia [suprimida a região a qual, por sua posição oriental, é denominada Österreich – em latim dizemos *Austria* –, anexada por Carlos dos Germanos], recebe o nome de *Hungria* pelos compatriotas mais novos: dos habitantes que têm origem nos Ávaros, [ou seja, nos Eslavos], e ainda dos Húngaros que permaneceram. Para inferiorizar os Húngaros, os escritores gregos denominavam-nos de *Turcos*, os Turcos de *Persas* e os gregos eram honrados com a designação de *Romanos* pois, em certa medida, conservam a aparência de antigo império.

A partir dos Cíticos, chega-se aos *Celtas*; quase toda a Europa foi ocupada pelos Cíticos que se estenderam até ao mar Mediterrâneo e ao oceano, pelo estreito de Cádiz que é comum a ambos. Sabe-se que, outrora, uma parte dos povos Germânicos habitou toda a extensão até o Tánais<sup>80</sup>, mas foram separados pelos Vénedos ou Antas; não faz muito tempo que as relíquias dos Germanos ainda subsistiam no meio do Quersoneso Táurico<sup>81</sup>, e provavelmente, nem foram ainda completamente extintas. Ali, em seguida, os Germanos [foram] fragmentados devido às migrações, os Eslavos

---

<sup>76</sup> Certamente Leibniz refere-se ao teólogo, filólogo e bibliógrafo alemão Albrecht (Albert) Fabricius (1668-1736).

<sup>77</sup> Leibniz refere-se ao mar Báltico já que aí se localiza no extremo norte da Europa.

<sup>78</sup> Povos fino-húngaros desaparecidos, os Livónios habitavam a Livónia, região situada no norte da Europa, entre a República da Estónia e a República de Letónia.

<sup>79</sup> Em 791, com a ajuda do seu filho Pepino, Carlos Magno (742-814) dirige uma primeira expedição contra os Ávaros. Em 795, consegue apoderar-se de sua fortificação que continha um tesouro considerável, fruto de várias dezenas de anos de pilhagem. Em 805, os últimos rebeldes ávaros são definitivamente submetidos.

<sup>80</sup> Antigo nome do rio Don.

<sup>81</sup> Quersoneso Táurico é o mesmo que Península da Criméia, região do Sul da Rússia.

retiraram-se de todas as regiões para o Elba; entretanto, a maior parte deles retornou por fim para o mar Báltico e para quase toda a [região] do Vístula. Por isso os **Bastarnas**<sup>82</sup> estavam outrora, do outro lado dos montes Cárpatos, associados aos Germânicos<sup>83</sup>, mas quanto aos **Dácios** e **Getas** eu prefiro remontar aos Sármatas. Acredito que os antigos **Ilírios**<sup>84</sup> e os **Peónes**<sup>85</sup> [P. 10] eram, outrora, Celtas, isto é, Germanos ou semi-Germanos. Assim, a língua Eslavónica é injustamente chamada de **Ilírica**, pois, embora hoje os Eslavos ocupem a Ilíria e todas as localidades vizinhas, eles emigraram depois. [Tito] Lívio<sup>86</sup> chama os semi-Germânicos de Alpinos. E faço remonstar todos aqueles Celtas até aos Germânicos, quaisquer que se estendam pelo Reno na [parte] setentrional e oriental. Mas os que do outro [lado] do Reno [são] para nós Celtas pertenciam aos Gauleses, ainda que a origem dos Belgas seja principalmente Germânica. Todavia, olhando as origens mais antigas, os Gauleses vêm dos Germanos, os Germanos dos Cíticos embora, como já dissemos, as línguas tenham sido modificadas pouco a pouco durante um longo período de tempo e de numerosas migrações.

As relíquias dos **antigos Gauleses**, que foram colectadas por Pontanus<sup>87</sup>, Camden<sup>88</sup> e outros, não foram vistas senão na **Armórica** e na **Wallice**<sup>89</sup>; cujas expressões Boxhorn<sup>90</sup> fez entrar até as origens dos Gálicos, o que, na minha opinião,

---

<sup>82</sup> Os Bastarnas foram um povo da Sarmácia europeia ou Dácia, como os próprios Dácios e Getas, que Leibniz menciona diversas vezes.

<sup>83</sup> Ao referir-se aos povos da Germania, entende-se a região da Europa antiga limitada pelo Reno, pelo mar do Norte, pelo mar Báltico, pelo rio Danúbio, pelo rio Vístula e pelos montes Cárpatos, e, *grosso modo*, correspondente à Alemanha actual.

<sup>84</sup> Os Ilírios (ilírio, ilíride) eram um povo indo-europeu que habitou a região montanhosa da costa setentrional do Adriático, ao oeste do Balcãs (do Épiro até a Panónia) e partes do sul da Itália no início da era cristã. Falavam línguas que estão agrupadas como línguas Ilíricas, um ramo separado do restante das línguas indo-europeias.

<sup>85</sup> Os Peónes eram naturais da Peónia, parte setentrional da antiga Macedónia.

<sup>86</sup> Tito Lívio (c. 59 a.C.-17 d.C.), é autor da obra *Ab urbe condita* (*Desde a fundação da cidade*) onde relata a história de Roma.

<sup>87</sup> Leibniz refere-se ao holandês Johannes Isaac Pontanus (1571-1639) médico, filósofo, historiador e filólogo especialista das línguas Célticas que, no seu *Itinerarium Galliae Narbonensis* (1606), aproximava o Gaulês do Bretão da região Armórica.

<sup>88</sup> Cartógrafo e historiador, William Camden (1551-1623) interessou-se pela origem da língua inglesa tendo escrito o primeiro levantamento topográfico das ilhas da Grã-Bretanha e da Irlanda e o primeiro relato histórico detalhado do reinado de Elizabeth I.

<sup>89</sup> Armórica ou Aremorica é o nome dado na Antiguidade à região da Gália que incluía a península da Bretanha e o território entre o Sena e o Loire, até um ponto indeterminado no interior. Este topónimo baseia-se na expressão gaulesa *are mori* “à beira-mar”. Com *wallica* Leibniz refere-se ao Galês, língua falada em Wales (ou Vallia, ou Cymraei ou Câmbrria) que hoje designamos por País de Gales; as línguas principais dos seus habitantes são o inglês e o Galês (Câmbrico). Mais abaixo Leibniz vai voltar a estes termos.

<sup>90</sup> Marcus Zuerius van Boxhorn (1612-1653), político e erudito holandês, foi professor na Universidade de Leiden. Numa publicação de 1647, discute a semelhança entre os idiomas indo

revelou de forma evidente [que a língua] Wallica traz consigo muito de Germânico. Se, actualmente, pouco é possível reconhecer da maior parte [delas] é porque é preciso observar as frequentes mutações ocorridas nos tempos, nos lugares, [bem como] as migrações dos homens. Os habitantes das ilhas chegaram dos continentes vizinhos. Do [continente vizinho] Gaulês e Germano se originaram os antigos Britânicos. *Cymraei*, isto é, *Câmbria* ou *Wales* creio que têm origem nos *Cimbros*, assim como os Anglos<sup>91</sup> têm origem nos Saxões; os sucessores dos Britânicos vêm dos sucessores dos Cimbros<sup>92</sup>. E porque nos lugares de pouco acesso as línguas foram menos mudadas, eu tenderia a acreditar que pela língua os Cimérios estão mais próximos dos antigos Cimbros do que dos actuais Germanos, como penso que os *Hibérmicos*<sup>93</sup> nasceram da mesma Britânia, e deste modo a língua Hibernica faz voltar aos mais antigos Britânicos, isto é, ainda mais antigos que os Germanos e os Gauleses; por consequência, a partir dos antiquíssimos Hibernicos os Celtas serão restituídos à luz. Para tal trabalho penso [que seria necessário] um homem erudito reconhecidamente versado nas [coisas] dos Anglos.

Podemos acreditar que a Itália e mesmo a Espanha receberam como habitantes os Celtas, isto é, os Germanos e os Gauleses, que atravessaram os Alpes e os Pirineus, bem antes da vinda dos Gauleses posteriores que [Tito] Lívio lembra. Suponho serem mais antigos os nativos da Itália do que aqueles que vieram por mar, isto é, os Gregos, os Lídios, os Frígios, os Fenícios e outros; já que as mais antigas migrações foram todas feitas por terra, só muito depois, e ainda com dificuldade, é que os povos navegaram, ainda que Tácito tivesse deduzido o contrário. Em seguida, foram fundadas na Itália muitas colónias marítimas dos Gregos; por isso, a língua Latina tem o seu nascimento a partir da Céltica e da Grega. Depois, a parte da Itália mais próxima recebeu o nome de Gália Cisalpina, e a mais distante de Magna Grécia; ao centro, Latinos e também Etruscos [P. 11] absorveram muitos vizinhos de ambos os lados. Não entendemos a antiga língua Etrusca, [cujos vestígios] sobrevivem em alguns monumentos (*lapis*) que de facto nem [conseguimos] ler.

---

européus e presume a existência de uma linguagem comum primitiva que chamou de “Cita”. Defendia a hipótese que deveriam ser incluídos também o Holandês, o Grego, Latim, Persa e Alemão e, em uma publicação póstuma de 1654, que deveriam ser incluídos o Eslavo, o Celta e Báltico.

<sup>91</sup> Os Anglos são os Saxões, antigo povo Germânico, que se estabeleceram no norte e no centro da Grã-Bretanha; na Antiguidade os Saxões habitavam a região nas margens do Elba e na Idade Média ocuparam a Grã-Bretanha.

<sup>92</sup> Os Cimbros foram um povo céltico das margens do Báltico que se estabeleceram na Germânia; no século II a.C. invadiram a Gália tendo sido detidos pelos Romanos na região dos Alpes e pelos Celtiberos na Espanha.

<sup>93</sup> A Hibernia é a actual Irlanda.



É dos *Hispanicos* que as remotas antiguidades foram menos exploradas. Em seu pequeno livro *Sobre o Deus Endevelino*, Reinesius lança alguma luz sobre eles. Poucos vestígios da antiga literatura Hispanica sobrevivem nas moedas as quais o douto homem [chamado] Lastanosa<sup>94</sup> reuniu em seu pequeno livro editado em língua Hispanica; mas, o clérigo Baryus recentemente regressado aos Bávaros<sup>95</sup> vindo de um consulado em Sevilha, aumentou e esclareceu muito [esse assunto] na obra que se prepara para editar. Não se pode confirmar que aquelas letras se refiram às Runas, pois os próprios Rúnicos não apresentam nada tão antigo, e é evidente que aquelas moedas são da florescente República Romana, muito antes [da vinda] dos Godos. Sobre a origem dos antigos compatriotas a investigação não é menos difícil. Eu defendo que, certamente, grande parte dos Espanhóis, os *Celtiberos*<sup>96</sup>, tiveram a sua origem nos Celtas, pois, de facto, desde a Antiguidade acreditava-se que os próprios Iberos nasceram dos Celtas. Talvez, entretanto, seja preciso excluir os *Bascos*<sup>97</sup> e os povos que lhe são aparentados, pois, a língua dos Bascos é diferente de todas as européias, já que nenhuma outra dela se aproxima. Sera possível dizer que a Espanha [foi] habitada por descendentes Africanos antes da vinda dos Celtas, e daí tivessem sobrevivendo os Bascos? Poderíamos dizer, ao contrário, que alguma velha nação a partir de migração anterior [antes daquelas em que chegaram os Celtas, isto é, especificamente os Germanos e os Gauleses] tenha ocupado não só a Espanha, mas também a Aquitânia e toda a região vizinha? De facto, os vocábulos comuns dos rios parecem favorecer [esta hipótese]. [Júlio] César distinguiu três Gálias, a Aquitanica, a Céltica e a Belga, donde o nome de *Celtas* parece ser uma redução, e acredito ser apropriadamente conveniente aos habitantes da Gália Céltica – donde tão amplamente foi aceite com respeito aos Gregos, tanto de Marselha quanto do Istro<sup>98</sup> nos quais se notam similitudes no modo de viver e na língua – a fim de que todo o Ocidente desconhecido fosse compreendido pelos antigos. De facto, outrora, os Gregos desconheciam os seguintes povos: Ocidentais, Setentrionais, Orientais, Meridionais, que chamavam respectivamente de Celtas, de Cíticos, de Hindus, e de Etíopes, denominando os mais afastados a partir dos mais próximos. Heródoto demonstra

---

<sup>94</sup> Vincencio (ou Vicencio) Juan de Lastanosa (1607-1681), erudito e mecenas espanhol.

<sup>95</sup> Os Bávaros foram um povo Gemanico que habitou a Boémia, no território da actual República Tcheca. Os Bávaros chegaram à região da Baviera entre os séculos V e VI.

<sup>96</sup> Os Celtiberos foram um povo da antiga Hispania que viveu na Celtibéria do século III a.C. em diante. Têm origem na fusão das migrações Célticas com os povos autóctones e os Iberos, que chegaram ali anteriormente.

<sup>97</sup> Povo do País Basco (região dos Pireneus, incluindo parte da França e parte da Espanha), que possui uma língua não indo-européia, considerada isolada por não pertencer a nenhuma família linguística.

<sup>98</sup> Península localizada no norte do Adriático, entre os golfos de Trieste e Quarnero. Leibniz refere-se ao que é afirmado por Júlio César (100-44a.C.) em *De bello Gallico*.

corretamente [se bem que o mesmo ainda varie] a peculiaridade segundo a qual as nações tiveram seus nomes estabelecidos a partir da região, o que ainda não tinha sido notado pelos Gregos da época de Homero, e nem mesmo os Cíticos foram uma nação tão grande, não maior do que a dos Celtas.

A *Germânia* forneceu os habitantes mais antigos para a Gália e para a Itália, assim como para a *Escandinávia* um pouco depois; considero que certamente [P. 12] as nações Germânicas teriam ocupado primeiro desde o Quersoneso Címbrico<sup>99</sup> e a margem Báltica até o que actualmente é chamado de Arquipélago Dinamarquês (*Insulas Danicas*); depois até as mais distantes [regiões] da própria Escandinávia e, expulsando os nativos Fino-Lapões<sup>100</sup> para as [regiões] mais remotas, [teriam ocupado] a extensão litorânea e amena. Seguramente a língua dos Danos<sup>101</sup>, dos Suecos (*Suedorum*), dos Noruegueses, remonta evidentemente aos Germanos, não menos que actualmente a dos Italianos, Gauleses, Hispanicos devem ser declaradas de origem Latina. Embora esses povos não tenham recebido a língua Romana devido à sua origem, mas do império, com o germanismo dos setentrionais foi de outra maneira. Não é de admirar que os *Germanos setentrionais* e os mais próximos não tenham se entendido reciprocamente, assim como um [homem] rústico da Áustria ou da Baviera e um homem do campo da Westfália<sup>102</sup> ou da Bélgica poderiam facilmente conversar; sem intérprete, nenhum de nós hoje entenderia *Otfrid*, escritor Germânico do período Carolíngio (sem falar de *Úlfilas*, [que é] ainda mais antigo<sup>103</sup>). Deste modo, devido ao intervalo entre os tempos e, do mesmo modo, [a distância] entre os lugares, primeiro os dialectos e, por fim, as línguas foram mudadas. De facto, quando a expressão oral é redigida em papel, a ponto de termos o espaço para nela meditar, as origens comuns evidentes vêm à luz na maioria dos casos; o *dialecto* é mais variado que a *língua*. A propósito, no que diz respeito à *língua Germânica antiga*, em

---

<sup>99</sup> Quersoneso Címbrico é o mesmo que Jutlândia, a actual península da Dinamarca. O arquipélago Dinamarquês é composto pela Jutlândia, ou seja, pelas ilhas Zelândia, Funen, Vendsyssel-Thy, Lolland, Falster e Bornholm, assim como por centenas de outras ilhas menores.

<sup>100</sup> Parece-nos mais correcto dizer “fino-ugriano”, já que a língua falada pelos Lapões é um complexo dialectal de línguas fino-úgricas, falado pelos Lapões no Norte da Noruega, Suécia, Finlândia e Noroeste da Rússia.

<sup>101</sup> O mesmo que “dinamarqueses”.

<sup>102</sup> Westfália é um antigo reino e actual província alemã.

<sup>103</sup> Otfrid de Wissemburgo (c. 800 – c. 875), clérigo alemão, autor de uma série de obras em latim, comentários bíblicos e glossários. O seu *Evangelienbuch*, composto em versos rimados entre 850 e 873, é uma das maiores obras da literatura alemã antiga. Úlfilas foi o *apóstolo dos Godos* (sec. IV d.C.) que, usando um alfabeto inventado por ele, reescreveu as *Escrituras* na língua gótica. Durante o reinado de Constatino I, tornou-se bispo e manteve estreito contacto com os cristãos e o clero do Império Bizantino. Difundiu o critianismo sob a forma de arianismo, que posteriormente foi rejeitada como heresia pelo Concílio de Nicéia.

primeiro lugar Franciscus Junius<sup>104</sup> [apelidado de filho de teólogo] teve um notável mérito, cujas partes de suas lucubrações foram preservadas em Oxónia<sup>105</sup>; cujo exemplo estimulou o teólogo George Hickes<sup>106</sup> da Igreja Anglicana, homem notável que nos forneceu um tesouro das línguas setentrionais [evidentemente, a dos Teutónicos], um grande e utilíssimo trabalho. Mais perto de nós, recentemente, homens excelentes como o juriconsulto Johann Schilter<sup>107</sup>, primeiro residente de Iena [e] depois de Argentorato<sup>108</sup>, e [graças ao meu encorajamento] Gerardus Meierus<sup>109</sup>, teólogo de Bremen, atacaram as antigas línguas Germânicas com o objetivo de esclarecê-las; em ambos [os casos] as suas notáveis obras foram abandonadas [ainda que certamente estivessem dispostos a realizá-las], pois foram subtraídas pela morte.

Eu sei que alguns homens doutos no que diz respeito aos *Germanos Setentrionais*, ora não sabem representar quão diversa é a nação dos Germanos da dos Godos, ora consideram a própria Germania como colónia dos seus Godos; mas [não se deve] negar que os Godos vêm dos Germanos, [pois] ninguém pode contestar os testemunhos dos antigos e igualmente a evidência dos factos; a não ser que deseje ser comparado à obstinação do antigo pretor do mundo Gótico que associava os Godos aos Sármatas. Mais facilmente poderíamos acreditar que, de facto, os Germanos avançaram a partir da Escandinávia se os povos Germanos habitassem mais ao interior, desde a costa do oceano glacial<sup>110</sup>. Mas todas aquelas [regiões] aquém e além do golfo Bódico<sup>111</sup> possuem *Fino-Lapões*, nação cuja língua inteira difere da dos

---

<sup>104</sup> Franciscus Junius, o jovem (assim chamado para ser diferenciado do seu pai; c. 1589-1677), foi considerado um dos maiores especialistas das origens linguísticas germânicas. Publicou em 1665 *Quatuor D. N. Jesu Christi Evangeliorum versiones per antiquae duae, gothica scilicet et anglo-saxonica*, onde compara o texto gótico e o texto anglo-saxónico dos Evangelhos. Com base nesse trabalho, constituiu um *Gothicum Glossarium, quo Argentei Codicis vocabula explicantur et illustrantur*, de 1664.

<sup>105</sup> No português arcaico, Oxónia é o nome da cidade inglesa de Oxford.

<sup>106</sup> Georges Hickes (1642-1715), bispo de Thetford, autor das *Institutiones grammaticae anglo-saxonicae et moeso-gothicae* (1689) e de um *Linguarum veterum septentrionalium Thesaurus* (1703-1705).

<sup>107</sup> Juriconsulto e historiador alemão, Johann Schilter (1632-1705) publicou em 1728 um *Thesaurus antiquitatum teutonicarum*.

<sup>108</sup> Os antigos romanos conheciam a cidade de Estrasburgo, na Escócia, pelo nome de *Argentoratum*.

<sup>109</sup> Quanto a Gerardus Meierus (ou Meyer; 1646-1708), filósofo e linguista – foi um dos mais importantes correspondentes de Leibniz, por tudo aquilo que concerne às origens da língua alemã – também compôs um *Glossarium linguae saxonicae*.

<sup>110</sup> Leibniz refere-se ao Ártico (oceano Glacial Ártico).

<sup>111</sup> O termo “Golfo de Bótnia” (*Boddicum Sinum*) parece ser o resultado da transformação de *Gotticus* (antes do século XV) para *Bothnicus* (depois do século XVI); todavia, a etimologia mais corrente regista a origem do termo a partir do francês *Botnie*, termo que é proveniente do suco *Botniska viken*.

Suecos e Noruegueses. Desta maneira, suponho serem os Finos os verdadeiros nativos daquela grande península, [P. 13] a qual [tem] uma parte estreita e próxima de nós a Scaniã [como hoje é chamada], ou Scandiã, ou ainda Scandaviã, que os mais antigos chamavam de *Escandinávia* (*Scandinaviam*); de maneira alguma, se encontram nela as raízes do germanismo a ponto de alcançar as costas. E, assim, aquele que faz surgir os Germanos dali é como se assumisse que todos os árabes e sírios são descendentes dos *Abissínios*, ou que há muitos séculos atrás Londres, na Inglaterra, tivesse sido colónia da Boston, na América. A Suécia, [ou] *Suedilant*, ainda hoje significa para os Suecos terra em repouso, transformada em campo devido, como se sabe, às queimadas das florestas. De facto, *Suécia* significa ainda “queimar” para os Germanos mais velhos, donde *Siden* continua a ser “preparar ao fogo” e *Sud* “meridional” ou “território quente”. Mas já bem antes, com os escritores romanos, ela fora considerada uma região de descanso, quando já Tácito reconhecia o povo bastante próspero dos Suiões (*svionum*) ou seja, dos Suecos; e expandiu [os domínios] Suevos<sup>112</sup> orientais, a saber, a parte dos Germanos.

Todavia, eu não nego a existência de colónias desde a [região] *setentrional na Germânia* mais próxima, mas [penso que] elas foram certamente abandonadas. Seguramente, foi a partir do mar Báltico vieram os Cimbro, os Saxões, os Hérulos<sup>113</sup>, os Vândalos e outras nações; e Procópio<sup>114</sup> ensina que os ancestrais dos primeiros Hérulos foram para a Escandinávia. Jornandes faz surgir dali os *Godos*; opondo-se a ele, Clüver<sup>115</sup>, o primeiro autor de uma antiga *Geografia*, situa os Godos junto ao Vístula, a partir de razões que não devem ser descartadas; Georg Stiernhielm<sup>116</sup>, homem douto de origem Sueca [que com Benedicto Skyttio<sup>117</sup>,

---

<sup>112</sup> Habitantes da Suécia, antigo país Germânico, este povo ocupou, em 411, o noroeste da península Ibérica e tornou-se um dos componentes básicos da ancestralidade de Galegos e Portugueses do Norte. Suécia em sueco é *Sverige* que lembra o termo norreno *Svearíke* (*Svearíge*), que significa “império, país dos suiões”; em sua obra *Gemânia*, Tácito faz referência aos suecos como um antigo povo escandinavo, habitante do actual território da Suécia.

<sup>113</sup> Este antigo povo Germânico ameaçou o Império Romano no séc. III de nossa era, ao mesmo tempo que os Godos.

<sup>114</sup> Leibniz refere-se certamente a Procópio de Cesaréia, importante historiador bizantino do século VI, cujas obras *História das guerras* (*Polemon* – onde trata da Guerra Persa, Guerra Vândala e Guerra Gótica) e *História secreta* (*Anecdota* – onde relata aquilo que não estava autorizado a escrever nas obras oficiais) constituem a principal fonte escrita de informações sobre o reinado de Justiniano.

<sup>115</sup> Leibniz evoca o livro *Germaniae antiquae libri tres*, publicado em 1616 por Philipp Clüver (1580-1622), historiador e geógrafo alemão considerado o fundador da Geografia histórica.

<sup>116</sup> Leibniz refere-se ao livro *Anticluverius, sive Scriptum breve Johanni Cluverio* (1685) do sueco Georg Stiernhielm (c. 1592-1672), um tratado que sustenta a tese que a origem e a sede mais antiga dos godos fica na Escandinávia, o que vai contra a opinião de Philipp Clüver que a situa na antiga Germânia.

senador do reino, trabalhou muito na harmonia das línguas, mas sem sucesso], insurgiu-se violentamente contra aquele, num pequeno livro publicado por ele mesmo, mas a partir de argumentação que do mesmo modo não vale. Eu não desdenho completamente a autoridade de Jornandes, apesar de confessar que ela nem sempre é segura, sobretudo nas coisas mais distantes, nem oferece suficiente coerência na sua exposição. Ele [ornades] seguiu Ablabio<sup>118</sup>, e também o Senador, isto é, Cassiodoro no que diz respeito aos livros perdidos sobre os Godos. Portanto, o Godo Jornandes coloca a origem dos Godos na Escandinávia, ainda que os confunda com os Getas, os habitantes bem mais antigos do Ponto Euxino<sup>119</sup>. Eu não apenas [considero] perto dos Suecos a Gothia oriental e ocidental, mas no Quersoneso Címbrico a *Gutia* (que quase pronunciamos *Jutia*) e os Gotões<sup>120</sup>, outrora identificados pelos Romanos, nas proximidades da Vístula, bem como nas da ilha de Gotlândia. E, desta maneira, a designação de Gotões (*Gothonum*) ou *Gutões* (*Guttonum*) pode ter sido alguma vez comum aos que habitavam ambas as margens do Báltico. E, a partir disso, foi dado o nome golfo *Codano*<sup>121</sup> a esse mar, [isto é, golfo] Gótico. E por mais que se pretenda que os primeiros ou antiquíssimos Germanos d'além mar sem dúvida sejam a nossa origem, todavia não carece de verossimilhança [a tese de que] depois um grupo de jovens intrépidos tenha saído da Escandinávia [P. 14] para inversamente fundar o reino dos Godos no aquém-mar. A origem dos primeiros e principais [foi] confundida com a origem do povo pelos posteriores, inclusive historiadores, como se toda a nação tivesse surgido a partir dos mesmos lugares, ou a Escandinávia fosse o ventre (*vagina*) das nações, a qual, acredito eu, jamais tenha sido muito povoada. Favorece [essa hipótese] o mesmo Jornandes (c. 14.)<sup>122</sup> que nos [conta que] três barcos [foram] suficientes para transportar os Godos junto com o rei Berig. Seguramente, quanto às migrações dos

---

<sup>117</sup> O sueco Bengt Skytte (1614-1683), que se encontrou com Leibniz em 1667, foi autor de um *Sol praecipuarum linguarum subolarium*.

<sup>118</sup> *Ablabius*, historiador do final da Antiguidade (na passagem do século IV para o V), foi autor do *Gothorum gentis*, uma importante história dos Godos utilizada por Flávio Magno Aurélio Cassiodoro Senador (490-581).

<sup>119</sup> Jornandes (na sua obra *Gética*) e Isidoro de Sevilha (em *Etymologiae*) consideravam os Getas como os ancestrais dos Godos.

<sup>120</sup> *Jutia* é o mesmo que *Jutlândia*. Os Gotões são um antigo povo Germânico que ocupava as margens do rio Vístula. *Gotlândia* refere-se ao termo *Götaland*, ilha que integra a tradicional região de origem dos godos.

<sup>121</sup> *Codanus Sinus* é o nome latino para a região do mar Báltico e de Kattegat, estreito entre a Dinamarca e a Suécia. O termo latino *codanus* refere-se a bacalhau, espécie de peixe muito comum no mar Báltico.

<sup>122</sup> É possível que a referência "(c. 14.)" contenha um erro tipográfico, uma vez que Jornandes, na sua *Gética*, somente se refere a esse rei e às suas embarcações nos subcapítulos IV e XVII, do capítulo "Os godos unidos".

Godos, assim como os Cimbrós, dos Francos e dos Saxões, acreditou-se terem vindo de lugares remotos; teriam crescido mais ou menos como uma bola de neve e graças aos encontros, forçosa ou espontaneamente, foram agrupados em expedição e em nome. Clüver concorda com Jornandes que os Godos avançaram pouco a pouco desde o Vístula até o Ponto Euxino. Mas parece ter descoberto bastarnas e outros desde há muito Germanos.

Parece-me fabulosa a migração dos *Asiáticos* para a Suécia (em toda parte contada por mitos populares [mais antigos] e pelos mais recentes) devido à distância [ser] tão grande e pelas muitas dificuldades de se viajar naquela época; [fábula] que foi inventada quando os Escandinavos, ao quererem aprender a escrita, tomaram conhecimento da existência da *Ásia*. Ora, é evidente que os *Aesir* (*Asas*) ou os Heróis, como Odin ou Wotan<sup>123</sup>, foram trazidos pelos Saxões que ainda atormentavam a Címbría<sup>124</sup>, a partir dos anais (escritos que ultrapassaram em muito [a região] setentrional) pode-se compreender que o próprio *Wotan* reinou junto aos antigos povos anglos. E, assim, ora eram os Escandinavos que os governavam, ora eram estes. Os estrangeiros setentrionais alteraram [a palavra] Wotan para *Odin*, pois, como [acontecia] com a letra *W*, aqui e ali, eles mutilam as palavras Germanicas. Jornandes deriva os *Dinamarqueses* (*Danos* para seus vizinhos) dos *Cogenos* mas, apesar de os situar na Scanza<sup>125</sup>, os mais distantes Jutos<sup>126</sup> podem ser considerados [provenientes] do promontório de *Scagen*<sup>127</sup>; já que se originaram no *Rio Dena*, parecem ter recebido o nome de *Denos* e, de facto, a região [recebeu] o nome *Dinamarca* (*Denemarcae*). Assim, esse rio faz o limite ou a margem do Quersoneso Címbrico, hoje chamado [de] Eider a partir de *Heggidora*, como os antigos se lembram, ou a passagem de [uma] fortificação. Mas, o anónimo de Ravena (lib. 4. c. 17)<sup>128</sup> denominava *Dina*, cujo antigo nome Deninga ou *Tönning*<sup>129</sup> conserva; creio que *Donia* era uma cidade em Ethelweard. Jornandes informa que os *Hérulos*, expulsos

---

<sup>123</sup> Os *Aesir* formam o principal panteão dos deuses na mitologia nórdica, e Odin (correspondente a Wotan do alto alemão antigo) está entre eles. Odin é o primeiro dos deuses escandinavos; é o deus da guerra, da sabedoria e da poesia.

<sup>124</sup> Címbría é o nome histórico para a região de Jutlândia.

<sup>125</sup> Jornandes, na sua obra *Getica*, denomina de Scanza a região ao norte da Europa, aproximadamente equivalente à actual Escandinávia. Ptolomeu também a denominava de Scanza.

<sup>126</sup> Povo Germânico originário da Jutlândia (actual Dinamarca) e que invadiu a Inglaterra no séc.V.

<sup>127</sup> O promontório de Skagen (*Scagen*) situa-se na Jutlândia do Norte, Dinamarca.

<sup>128</sup> Leibniz refere-se à *Cosmografia do anónimo de Ravena* (*Ravennatis Anonymi Cosmographia*).

<sup>129</sup> Tönning, à qual Leibniz se refere com *Toninga*, é uma cidade da Alemanha que fica nas margens do rio Eider.

pelos Danos, praticaram a pirataria com os Saxões nos mares Romanos e pode-se acreditar que frequentemente se ocultaram sob o nome deles. Aquele anónimo [de Ravena] eleva a virtude [deles]; o Godo Jornandes, e o próprio [anónimo] de Ravena, não os exaltam pouco.

Não irei tratar das muitas migrações dos povos Germânicos nas províncias do Império Romano, isso porque foram conhecidas a partir da História, e porque não [P. 15] faltam suporte nas línguas<sup>130</sup>. Todavia, será conveniente apresentar quem foram os *Suevos*, pois consta que poucos deles, os quais mantiveram o antigo nome, [foram] misturados aos *Alemães (Allemannis)*. Creio que os *Boios (Bojos)*<sup>131</sup>, originados da Boémia e dos Marcomanos<sup>132</sup>, chegaram na Bajoaria<sup>133</sup> quando os Vênedos se tornavam fortes. Sobre os Francos e sobre os Saxões, convém discorrer [um] pouco mais extensamente. Certos [autores] não recentes fazem os *Francos* terem origem em Tróia, depois do Ponto Euxino; e inscrevem os mesmos na cidade Sicambria<sup>134</sup>, a qual desconheço, como se algum dia tivessem habitado na Panónia. De facto, depois de receberem as primeiras letras, é costume dos povos [imitar], a tal ponto que os escritores semi-letrados inventam coisas surpreendentes; por um lado imitando dos outros povos as antigas narrativas ou ficções, por outro lado imitando as tais tradições populares que lêem nos livros. Assim, Francos, Britânicos, Escoceses, Escandinavos nasceram das pequenas histórias extraordinárias, as quais os [povos] setentrionais designam pelo vocábulo Germânico *Sagas* (isto é, narrativas ou fábulas). Certos eruditos Gauleses apoderando-se da antiga colónia Gaulesa fundada na Germânia, derivam os Francos dessa fonte, a fim de restituir as Gálias aos Gauleses, o que é uma opinião reprovada por aqueles que ensinam; de facto, tem-se afirmado que os Francos têm origem naquela parte da Germânia, na qual os antigos escreveram que o [povo] Gaulês habitara. Quanto a mim, descobri que as origens dos Francos remontam ao litoral báltico, não menos que as dos Vândalos, dos Godos e dos Saxões; não que

---

<sup>130</sup> Neste parágrafo Leibniz chama novamente a atenção para a especificidade do presente texto.

<sup>131</sup> Os Boios eram povos integrantes de uma antiga tribo Celta. Habitaram na Gália Transalpina (actual França) e Cisalpina (norte da Itália), bem como na Panónia (actual oeste da Hungria), Boémia, Morávia e no oeste da Eslováquia.

<sup>132</sup> Os Marcomanos parecem ter sido um povo Germânico que habitou a região sul do Danúbio e que tinha estreitas ligações com os Suevos.

<sup>133</sup> A Baviera também era chamada Bajoaria.

<sup>134</sup> Existem relatos mitológicos sobre a relação dos Sicambros com os Francos. No *Liber Historiae Francorum* (trabalho anónimo de 727) afirma-se que, após a queda de Tróia, 12.000 troianos liderados por Príamo e Antenor estabeleceram-se, primeiro, na Panónia, próximo ao mar de Azov, onde fundaram uma cidade chamada Sicambria; em seguida, teriam chegado à região do Reno, onde, com outros povos Germânicos, deram origem aos Francos. Os Sicambros, tribo germânica ocidental, aparecem na História em 55 a.C., durante o período de conquista da Gália por Júlio César; estabeleceram-se na margem direita do Reno entre os rios Ruhr e Sieg.

desde então tenham surgido como grande nação, mas porque certa tropa de homens vigorosos que se lançou fez com que ela se tornasse uma grande nação. Com efeito, por ocasião das *Guerras Marcomanas*, no momento em que, sob [o reinado] de Marco António<sup>135</sup>, a própria Itália estava em perigo, evidentemente os bárbaros, animados com a esperança de pilhagem, também foram atraídos para as regiões interiores; e o que é mais, por isso o ímpeto das migrações durou até que cessou nas longínquas regiões dos Germanos, extenuados diante dos Vênedos; e foram civilizados mais pacificamente nas [regiões] mais próximas que se consolidaram em grandes reinos. Logo depois os Francos instalaram-se entre os *Hermunduros* e os *Queruscus*<sup>136</sup>, a partir de onde avançaram pelo Reno na região dos Sicambros e vizinhanças; e daí por diante em toda parte, desde o Meno<sup>137</sup> até os Batavos<sup>138</sup>, levaram consigo seu nome e tomaram o perigoso Estreito de Dover (*mare Gallicum*) e, por fim, atravessaram a Gália; eis quando pela costa se sobrepõe a posterior [nação] dos *Saxões*, nação então de barbárie tanto mais violenta quanto mais recente.

Ptolomeu<sup>139</sup> foi o primeiro a ter reconhecido [a presença] dos *Saxões* no estreito do Quersoneso Címbrico, [e] Tácito situou os *Anglos* próximo daí. Nessa época ou o nome de Saxões ainda não havia surgido ou eles estavam compreendidos numa fronteira muito estreita. Como depois cresceram e [se] incorporaram tanto aos *Caúcos* como aos *Frísios*<sup>140</sup>, ficaram célebres por sua pirataria, e faziam desembarques na Gália e na Britania [P. 16] por causa da proibição de pilhagem. Desde então, ambos os *Lados* foram chamados de *Saxónicos* no documento do Império. Sobre essa época, sabe-se que os Francos foram expulsos por eles da Batávia, e antes dessas coisas terem acontecido a Britania [já] tinha fornecido a

---

<sup>135</sup> Nas guerras marcomanas – chamadas pelos romanos de *bellum Germanicum* (guerra dos germanos) ou de *expeditio Germanica* (expedição germânica) – o Império Romano enfrentou os Marcomanos, os Quados e outros povos Germânicos.

<sup>136</sup> São ambas tribos de povos Germânicos; os Hermunduros ocuparam a área em torno do que hoje é a Turíngia, a Saxónia e o norte da Baviera (do séc. I ao III) e é provável que os Turíngios sejam seus descendentes; já os Queruscus habitavam a região da Baixa Saxónia em uma parte que ia de Osnabrück (ou Osnabruque) até Hamburgo, na Alemanha (do séc. I a.C. ao I da nossa era) tendo mais tarde sido absorvidos pela confederação tribal dos saxões.

<sup>137</sup> O rio Meno, antes de desaguar no Reno, passa pela Baviera, por Baden-Württemberg e por Hessen (Alemanha).

<sup>138</sup> Os Batavos são um povo Germânico que, na Antiguidade, ocupava a Batávia, região do delta do Reno.

<sup>139</sup> Cláudio Ptolomeu (90-168), conhecido pelos seus trabalhos em Matemática, Astronomia, Geografia e Cartografia, também realizou trabalhos importantes em Óptica e Teoria Musical. Para além do *Almagesto*, Ptolomeu deixou uma obra muito extensa, em oito volumes, *Geographia*, que contém todo o conhecimento geográfico greco-romano.

<sup>140</sup> Os Caúcos foram um povo da Germânia que habitava entre os rios Elba e Sem. Os Frísios habitavam a antiga Frísia, situada ao norte da Germânia, entre o Reno e o mar do Norte.



morada para os Saxões. Na Westfália, eles tomaram o lugar dos Francos dissidentes. E depois os reinos dos *Varinos*<sup>141</sup> e dos *Turíngios* foram varridos em parte pelos Francos [e] em parte pelos Saxões, que podem ser chamados por seus nomes mais antigos de *Queruscas* e *Hermunduros*. O domínio dos Varinos (talvez com exceção da Frísia) cedeu ao dos Saxões, também a eles as [nações] Turíngias, [situadas] entre o rio Elba e os montes Harz<sup>142</sup> evidentemente, as quais desde há muito tempo foram chamadas de *Norturíngia* em [alguns] documentos. Uma parte dos Saxões migrou com seus outrora vizinhos Lombardos para a Itália. E, por fim, [para aqueles] sob [o domínio] [d]os imperadores Germânicos e para a maior parte dos *Vênedos* das regiões entre o Elba, o Warta<sup>143</sup> e ainda mais longe, tanto para as colónias dos Germanos como para as que além delas [são] compatriotas nos nossos hábitos e língua, o nome aceite foi o de Saxões que constituem a parte mais importante da eminente família dos Saxões.

(Tradução e notas: Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí<sup>144</sup>)

---

<sup>141</sup> Tácito refere os Varinos (*werinorus*) no seu *De origine et situ germanorum*.

<sup>142</sup> Leibniz refere-se à cadeia montanhosa Harz (*Harzicos montes*) que é a maior da Alemanha e fica no centro do país, ao sul do Elba.

<sup>143</sup> Rio da Polónia afluente do Oder.

<sup>144</sup> Juliana Cecci Silva é Bacharel em Letras-Francês pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). William de Siqueira Piauí fez o seu doutoramento em Filosofia na Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e actualmente é professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS).